

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

## **CAMILO, SAMPAIO E SARMENTO: UM CICLO DE EXCELÊNCIA.**

MARTINS, António e FARIA, Emília Nóvoa de

Ano: 2014-2015 | Número: 124-125

---

### **Como citar este documento:**

MARTINS, António e FARIA, Emília Nóvoa de, Camilo, Sampaio e Sarmiento: um ciclo de Excelência. *Revista de Guimarães*, 124-125 Jan.-Dez. 2014-2015, p. 129-146.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)

URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

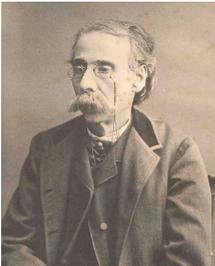
# CAMILO, SAMPAIO E SARMENTO: UM CICLO DE EXCELÊNCIA

António Martins<sup>1</sup>  
Emília Nóvoa Faria<sup>2</sup>

## Resumo

No âmbito deste trabalho procurámos aflorar, com base na correspondência trocada e em notícias da época, o relacionamento literário que se estabeleceu entre Alberto Sampaio e Camilo Castelo Branco a partir da proximidade de ambos entre Seide, Boamense e Landim, desde a colaboração de Sampaio na empresa camiliana *Leitura para Todos*, até à tradução da *Formosa Lusitânia* de Catherine Elliott Jackson que, em parte, lhe foi solicitada por Camilo. Aborda-se também, por outro lado, com base sobretudo nos testemunhos dos próprios em diversos textos e cartas, a profunda amizade que ligou, desde a sua adolescência, Alberto Sampaio a Martins Sarmiento, o grande arqueólogo e etnologista vimaranense. Se com Camilo, Sampaio cultivou, sobretudo, afinidades literárias de juventude, a obra arqueológica de Sarmiento não só terá tido grande influência no interesse que o historiador manifestou pelo longo período que antecedeu a fundação da nacionalidade, como deu largo suporte a algumas das principais inovações historiográficas que Sampaio introduziu na época.

**Palavras-chave:** Boamense, Camilo, Guimarães, Landim, Sampaio, Sarmiento.



O tema de que nos vamos ocupar tem essencialmente a ver com o relacionamento entre grandes figuras da nossa cultura portuguesa de oitocentos. Trata-se de três personalidades que entre meados do século

<sup>1</sup> [martinsaalexandre@gmail.com](mailto:martinsaalexandre@gmail.com)

<sup>2</sup> Arquivo Municipal Alberto Sampaio | Município Vila Nova de Famalicão  
[emilianovoa@vilanovadefamalicao.org](mailto:emilianovoa@vilanovadefamalicao.org)

XIX e o início do século XX, num espaço geográfico tão diminuto como o que separa Guimarães de Vila Nova de Famalicão, corporizaram, cada uma à sua maneira e em diferentes domínios, um tempo de grande fulgor que iniciou um dos períodos intelectuais mais brilhantes que Portugal conheceu nos últimos dois séculos. Estamos a falar de Alberto Sampaio, a figura tutelar deste trabalho, que tivemos o prazer de apresentar, na Sociedade Martins Sarmento, no dia em que se completaram 173 anos sobre a data do seu nascimento, em casa dos seus bisavós maternos, à rua dos Mercadores (actualmente rua da Rainha), a dois passos da Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, um homem que, entre muitos outros notáveis atributos, é reconhecidamente o pioneiro da história económica e da história das instituições rurais em Portugal. Estamos a falar de Camilo Castelo Branco, porventura o maior polígrafo que existiu entre nós, expoente do romantismo literário português, cuja obra, para além do imenso número de artigos publicados em revistas e jornais, está compilada num acervo de mais de 260 volumes, entre os quais umas largas dezenas de novelas e romances que a maioria de nós, pelo menos em parte, conhece. E estamos a falar, finalmente, *the last but not the least*, de Francisco Martins Sarmento, que foi nosso anfitrião nessa belíssima Sociedade, o consagrado etnólogo, escritor e pensador que honra Guimarães, verdadeiro fundador da arqueologia científica em Portugal. Não iremos abranger, na sua totalidade, a ligação intelectual entre estas três personalidades, que o acaso reuniu num dos encontros mais felizes da nossa história recente. O nosso propósito é bem mais modesto. Se considerarmos esse encontro como um momento singular que precedeu o aparecimento de outro momento extraordinário, onde brilhou a geração conhecida como Geração de 70, e estamos a pensar, sobretudo, em nomes como Antero de Quental, Oliveira Martins e Eça de Queirós, (lembremos que esta é a geração que nasce nos anos 40, ao contrário da geração de Camilo e Martins Sarmento que sai do berço nos anos 20 e 30, respectivamente), Alberto Sampaio foi, de certa forma, um elo de ligação entre eles, ou seja, alguém que ligou o momento que emerge do cenáculo que gravita em torno das casas de Seide, Briteiros e Boamense e aquele que, algum tempo depois, deu expressão à tertúlia ocidental, para usar a feliz designação de António José Saraiva. Vamos,

por isso, circunscrever a nossa atenção ao relacionamento entre Alberto Sampaio e aquelas duas figuras que, com ele, protagonizaram um ciclo de excelência nas ciências e nas letras portuguesas.

Em relação a Camilo, devemos desde logo dizer que não somos camilianistas. Deus nos livre, desculpem a expressão, de pretendermos invadir terrenos alheios. De Camilo não temos feito mais do que deliciar-nos, como tantos outros, com a leitura de muitos dos seus livros e com isso fruir do sortilégio que o escritor emprestava ao que escrevia. O resto que conhecemos dele, fomos lendo em ilustres estudiosos da sua vida e da sua obra como Alexandre Cabral, Viale Moutinho ou Prado Coelho, para citar só alguns. Esses sim, poderiam falar das múltiplas dimensões que nos oferece o nosso grande escritor. Nós limitar-nos-emos, por isso, a falar, sobretudo, não da ligação de Camilo Castelo Branco a Alberto Sampaio, mas sim, se bem nos fazemos entender, da ligação de Alberto Sampaio a Camilo.

Antes, porém, de esboçar o momento do possível encontro entre os dois, a primeira questão que nos ocorre é a seguinte: o que é que, para além da evidente proximidade que a partir de certo momento os tornou vizinhos, têm estes dois homens em comum?

No plano literário, a relação que se estabeleceu entre Alberto Sampaio, um jovem debutante nessas coisas, e Camilo Castelo Branco, numa fase já de maturidade e consagração – lembremos que, apesar de tudo, os separavam 16 anos –, é um encontro deveras singular, até pelos aspectos contraditórios de personalidade que os caracterizaram. Camilo era um excêntrico imprevisível, um espírito aventureiro que escrevia e publicava tudo o que numa febre medonha lhe acudia à imaginação, cioso da sua fama, mas porventura ainda mais cioso dos proveitos que essa prodigiosa actividade lhe devia. Basta lembrar, como exemplo, uma carta, possivelmente de 1856, teria ele 31 anos, dirigida ao proprietário do *Aurora do Lima*, José Barbosa e Silva, sobre uma possível colaboração: «Gratuitamente não posso; bem sabes que não escrevo por prazer, nem por glória.» (Cabral, 1984:98).

Camilo tornou-se, de facto, o primeiro escritor português e, ainda hoje, um caso raro entre nós, a viver exclusivamente dos rendimentos como profissional das letras. Alberto Sampaio, pelo contrário, era um

investigador sem pressas, recolhido nas suas reflexões, a antítese do aventureiro, completamente avesso à exposição pública, que só vai publicando o resultado dos seus trabalhos em artigos que os amigos lhe pedem, na *Revista de Portugal*, de Eça de Queirós, na *Revista de Guimarães*, que nos honra com esta publicação, na *Portugalia* de Rocha Peixoto e Ricardo Severo, indiferente a qualquer provento que isso lhe pudesse trazer, embora se possa aduzir que tal decorresse de, à época, se poder considerar um *gentleman farmer*, um proprietário rico. É difícil, pois, imaginar que personalidades tão profundamente contraditórias pudessem alguma vez estabelecer qualquer tipo de colaboração no plano literário. Mas, na realidade, tal aconteceu.

Alberto Sampaio deve ter encontrado pela primeira vez Camilo por ocasião do casamento do seu irmão José, em 1868, com a filha de António Vicente Carvalho Leal e Sousa, proprietário da quinta e do Mosteiro de Santa Maria de Landim. Camilo, que já devia ter ouvido falar dele ao sobrinho, António de Azevedo Castelo Branco, condiscípulo em Coimbra e amigo de Alberto Sampaio, e Ana Plácido tinham chegado à Casa de Seide pouco tempo depois da morte de Pinheiro Alves, o marido de Ana Plácido, ocorrida em 1863. São vários os documentos que comprovam o relacionamento que rapidamente se estabeleceu entre o casal e António Vicente, possivelmente logo a partir de 1864/65. Recordemos que Seide faz fronteira com Landim e se por um lado a chegada de Camilo e Ana Plácido não passou despercebida às gentes de ambos os lados, por outro era natural que uma vez instalado, o casal estabelecesse relações de cortesia com as principais famílias das imediações. Há pelo menos duas cartas, datadas de 1866, em que numa delas Camilo refere a Ana Plácido «Estou a escrever ao António Vicente» e, logo a seguir, uma outra dirigida a António Feliciano de Castilho, onde assinala «Ontem fomos a Landim comer melões à quinta do mosteiro dos jesuítas.» (Cabral, 1985:100).

Esta *gaffe* de dar aos jesuítas um mosteiro que foi dos Cónegos Regrantes, corrigiu Camilo abundantemente no romance *O Senhor do Paço de Ninães*, em cuja acção vários episódios se desenrolam no mosteiro dos cruzios. O romance, que começou por ser publicado em folhetins, no jornal *O Comércio do Porto*, entre Setembro e Novembro

de 1867, contém uma anotação final que ilustra bem a proximidade que já existia entre o escritor e a casa que foi, frequentemente, o seu abrigo e refúgio: «O antigo mosteiro é hoje a bela casa e quinta do meu amigo António Vicente de Carvalho Leal e Souza, herdeiro e sobrinho do último capitão-mor de Landim».

Um curioso testemunho da sobrinha de Alberto Sampaio, Maria Henriqueta, filha de José Sampaio, refere que um dos quartos da casa do mosteiro estava sempre arranjado para receber Camilo. Contava também que um dia Camilo apareceu no mosteiro e disse a António Vicente que vinha morrer ali, pois sentia-se muito doente. Contudo, em vez de morrer como tinha anunciado, gozou de uma bela hospedagem de três dias com comida farta na mesa, roupa lavada e um ambiente propício à inspiração, depois do que, remata Henriqueta, «se retirou muito bem-disposto». Refira-se que nos momentos de maior aperto financeiro foi sempre António Vicente que lhe valeu, como testemunham várias cartas de Camilo. A amizade entre estes dois homens nunca se viria a alterar até à morte do escritor.

Mas voltemos ao fio do nosso assunto. Se é verdade que estamos em presença de dois caracteres diametralmente opostos, nem por isso, curiosamente, tardou em se manifestar uma genuína admiração de Camilo pelo seu jovem vizinho. Três meses depois da celebração do casamento do irmão de Alberto Sampaio, em Landim, ou seja, em Dezembro de 1868, já eles se correspondiam.

É desse mês a primeira carta de que temos conhecimento, onde Camilo dá conta de uma sua deslocação ao Porto, naquele tom jocoso de que tanto gostava, embora francamente amigável, onde já é notória a sua admiração pelo domínio das línguas que Alberto Sampaio manifestava, designadamente o grego: «Vim ontem do Porto onde esperava encontrá-lo helenizando naquele burgo de galegos.» (Faria, 1990:33).

Mais tarde, numa carta dirigida a António Feliciano de Castilho, com data de Junho de 1874, Camilo, então à beira dos 50 anos, traduzirá ainda mais expressivamente a imagem que tem de Alberto Sampaio, no seu melhor estilo: «Recebi as 80 páginas da *Glótica* (trata-se de *A Glótica em Portugal*, um trabalho do filólogo Manuel Mendes hoje praticamente esquecido). Emprestei-as a um judicioso germanista,

Alberto da Cunha Sampaio, que vive perto desta casa. Rapaz de 33 anos, que lê alemão, grego, inglês e latim correntemente (e francês, podíamos nós acrescentar). Escreveu, há anos, ótimos artigos à Montaigne num periódico de Ant.º Augt.º (trata-se da *Gazeta de Portugal* de António Augusto Teixeira de Vasconcelos). Depois, deu-se todo à agricultura, e fabrica champagne. Pertenceu à seita do Antero e hoje pasma-se da tolice de todos. De vez em quando vai a Paris; (o que é um exagero, pois tanto quanto sabemos Alberto Sampaio esteve em Paris apenas por duas vezes), passa 2 meses no Bois a ler os livros modernos, e volta para a sua quinta de Boamense. Bela vida!» (Cabral, 1985:111).

Os tais artigos à Montaigne referem-se a uma precoce incursão nas letras de Alberto Sampaio, anunciada ao irmão numa saborosa carta datada de Maio de 1864, que não resistimos a transcrever: «Lê e cala. Eis aí o princípio de uma aventura que me não parece mal figurada. Há dias, numa destas horas em que a gente não tem remédio senão olhar para o fumo do cigarro, lembra-me... – imagina lá! – tentar ainda uma vez os mares da publicidade. De sorte que olhando sempre para o fumo do cigarro, lembra-me escrever ao Teixeira de Vasconcelos debaixo dum pseudónimo. Assim foi o caso. A uma carta muito digna – que por fim se reduzia a dizer muito singelamente, “se quiser, publique, – senão queime”, ajuntei mais o seguinte: “Folhetins ao acaso I – Os grandes nomes e as pequenas coisas” tudo assinado carta e folhetim por Ruy-Brás.» (Faria e Martins, 2009:460). Pese embora alguma dificuldade na leitura dos manuscritos por quem os recepcionou na *Gazeta de Portugal*, o que levou Alberto Sampaio a interrogar-se ironicamente «Estarei eu escrevendo metafísica sem o saber?» (Faria e Martins, 2009:462), e uma inoportuna gralha que logo no primeiro capítulo trocou Rui Brás por Ruy Blas, (*Ruy Blas* é o título de um famoso drama de Vitor Hugo passado na corte espanhola em finais do século XVII, nome que até pode ter inspirado Alberto Sampaio, um grande admirador da obra do escritor francês, mas que ele não queria usar na grafia espanhola), uma gralha que o levou a exasperar-se: «Haverá falta de RR nas caixas tipográficas?» (Faria e Martins, 2009:462), embora, apesar de tudo, os capítulos deste folhetim *Ao acaso*, em número de cinco, fossem publicados pela *Gazeta de Portugal*, entre Junho e Outubro do mesmo ano.

Outra carta de Camilo expedida de Lisboa, com data de 1869, é muito curiosa pelos livros que menciona: «Estão aqui à venda alguns livros em grego, hebraico e siríaco. Em siríaco é uma bíblia magnífica. Em grego há dicionário moderno, há o Xenofonte, com o texto grego e a versão latina. [...] Veja se isto pode convir aos seus estudos, e responda-me, caso os queira, com brevidade.» (Faria, 1990:35).

Mas não é particularmente como especialista em línguas que Camilo propõe a Alberto Sampaio a primeira incursão em terrenos literários. Estamos em 1873, ano em que Camilo Castelo Branco se abalança a fundar uma editora popular chamada *Leitura para Todos*. Entre as raras notícias deste empreendimento, muito pouco conhecido na biografia de Camilo, uma é dada pelo jornal *O Primeiro de Janeiro*, na edição de 7 de Dezembro, destacando-lhe desta forma os méritos: «Leitura para Todos – Com este título vai iniciar-se nesta cidade uma publicação literária e instrutiva, de que é director literário e colaborador o sr. Camilo Castelo Branco, tendo como colaboradores efectivos os srs. Germano Vieira de Meireles e Alberto Sampaio» (saliente-se que Germano Meireles, cujo envolvimento neste empreendimento se deve, porventura, ao próprio Alberto Sampaio de quem foi também condiscípulo e grande amigo nos tempos da Universidade, é outro notável intelectual da chamada Geração de Coimbra). E continua: «Temos à vista o programa da prometida publicação e não trepidamos em asseverar que vem ela satisfazer a necessidade que há muito se sente entre nós, de livros em que, pondo o povo em próximo contacto com as mais importantes questões que se ventilam no imenso campo da ciência, não se esqueça a prescrição de amenizar a leitura, já com a variedade nos assuntos, já atraindo os espíritos mais rebeldes com um estilo fácil, livre de nebulosidade e ao alcance de todas as inteligências».

A empresa teria uma vida efémera, mas ainda publicou em cadernetas, no ano seguinte, o romance *Malgré Tout* de George Sand e um livro sobre as *Associações Operárias*. A pergunta é: o que é que levou Alberto Sampaio a envolver-se num empreendimento desta natureza? Há um aspecto muito pouco conhecido sobre o seu curriculum de juventude, durante e logo depois de ter concluído o seu curso de Direito, que se encontra documentado quer na colaboração que manteve, durante a

sua estadia em Coimbra, na imprensa académica, quer nas cartas que, à época, escreveu ao irmão, ainda a acabar os seus estudos naquela cidade. O seu interesse pelo associativismo já era manifesto nesse tempo, designadamente na colaboração que manteve no jornal *O Académico*, quando frequentava o 2.º ano de Direito, e, portanto, em 1859, onde publicou, entre outros, um interessante artigo intitulado “Alvitres às classes laboriosas: Socorros Mútuos”, em prol do associativismo das classes operárias, o qual, na sua opinião, só lhes podia potenciar grandes benefícios. Não espanta, por isso, que nesta nova oportunidade que lhe era oferecida no empreendimento de Camilo voltasse, talvez até por inspiração sua, a um dos seus temas preferidos com a publicação das *Associações Operárias*, uma obra de autor que não conhecemos.

Mas os possíveis motivos da sua adesão à ideia de Camilo talvez não fiquem apenas por aqui. Pouca gente saberá também que Alberto Sampaio, nos anos da sua juventude, foi fortemente tentado pela escrita de obras de ficção. Conhecemos dele, pelo menos, dois romances publicados em folhetins, logo após ter concluído a sua licenciatura em Direito, no jornal *O Século XIX*, fundado e dirigido pelo seu amigo Germano Meireles, em Penafiel. O primeiro, intitulado *Augusta*, viria a sair entre Julho e Setembro de 1864 e o segundo, chamado *Conversando*, veria a luz do dia entre Setembro de 1864 e Fevereiro de 1865. Um deles, possivelmente, teria sido o que foi supostamente apresentado à apreciação de Alexandre Herculano, numa visita que ele e Antero de Quental lhe fizeram por volta de Julho de 1864 e que terá sido objecto de francos elogios por parte de quem era, na época, considerado o Mestre dos Mestres. Há uma saborosa descrição a lembrar esse episódio, num testemunho de António Azevedo Castelo Branco publicado por António Cabral em *Glória e Sombras de Eça de Queirós*. É por isso natural, até pelo facto de que o “bichinho” da literatura nunca o abandonou, que Alberto Sampaio se sentisse atraído pelo convite de Camilo Castelo Branco.

Em 1877, agora com 36 anos de idade, Alberto Sampaio volta a colaborar com o escritor, já na casa dos 52, desta vez na tradução da obra *Fair Lusitania*, de autoria de Catherine Elliott Jackson, mais conhecida entre nós por Lady Jackson, onde se pretende retratar, ao gosto da literatura de viagens, o Portugal de 1870. A obra havia de ver

a luz do dia com o título *Formosa Lusitânia*. Numa carta enviada de Seide, Camilo elogia o trabalho de Alberto Sampaio, reconhecendo-lhe não só o domínio da língua inglesa, mas também o seu rigor: «Devolvo a sua excelente versão. Eu não notei a mínima diferença na forma como interpretámos o original; o que pode haver na minha, como verá no fragmento que envio, é menos fidelidade.» (Faria, 1990:40).

Há, no entanto, uma curiosa peripécia relacionada com esta entreatada que pode ser objecto de várias interpretações. De facto, em Abril de 1878, Camilo escreve de novo a Alberto Sampaio assinalando-lhe a conclusão da obra nos seguintes termos: «Concluí hoje a impertinentíssima *Lady Jackson*. Como traduzi 24 capítulos e V. Ex<sup>a</sup> três, receio que algumas tolices dos meus possam atribuir-se aos seus; portanto, resolvi ocultar a colaboração, visto que V. Ex<sup>a</sup> não pode reclamar justiça da crítica, se ela vier.» (Faria, 1990:43).

A dúvida que persiste é se, ao ocultar a colaboração de Alberto Sampaio, Camilo estaria a ser genuinamente honesto para com o amigo ou se, pelo contrário, não tratou de invocar uma desculpa inteligente para evitar incluir o nome do colaborador. Fosse como fosse, não houve mais notícia de qualquer outra colaboração entre os dois.

Ao que tudo indica, a última ligação do historiador ao romancista terá sido a compra de alguns livros vendidos em Lisboa no ano de 1883, ou seja, sete anos antes do trágico suicídio do escritor, num leilão realizado segundo um *Catálogo da Preciosa Livraria do eminente escritor Camilo Castelo Branco*, como aconteceu, aliás, com alguma frequência, ao longo do tempo, pelas mesmíssimas razões que também tinham perseguido o grande Balzac, cuja vida, salvaguardadas as devidas distâncias, tem espantosas semelhanças com a de Camilo. Mas isso, como é costume dizer, seriam contas para rezar noutra freguesia.

Francisco Martins Sarmiento é a outra personalidade que aqui trazemos, na sua relação com Alberto Sampaio, passando em revista momentos e projectos vividos por ambos em quase três décadas de intenso relacionamento.

Alberto Sampaio, num artigo evocativo da memória de Martins Sarmiento, escrito quatro meses após o seu desaparecimento, para o número de Janeiro de 1900 da conceituada revista *Portugalia*, define-o

«alto, magro, de cabelos retintos e tez morena». Às características físicas acrescenta o andar apressado e a forma como se expressava por «meias palavras, rápido e breve no discurso» o que por vezes, diz, «custava a perceber». No entanto era tido como um conversador nato! A sua conversa «entrecortada de ditos alegres e picantes» – como a descreve Sampaio – «se carecia de atracção enlevadora, transbordava de típica graça portuguesa». Ficamos ainda a saber que era um homem íntegro ao ponto de «não perdoar a ninguém o menor desvio», o que na opinião de Sampaio se ajustava mais a «um matemático acostumado a demonstrações exactas, do que a um historiador, diante da vista do qual se desenrolam constantemente as curvas e as contracurvas da marcha indecisa dos povos» (Sampaio, 1990:418).

Cruzaram-se pela primeira vez quando Alberto Sampaio, então um rapazinho de 12-13 anos, acompanhou o seu tio materno, Gaspar da Cunha Berrance, numa visita a Martins Sarmento, na sua casa em Guimarães. Desse encontro com o talentoso Francisco, na altura com 22-23 anos, filho de uma família de «distinta posição social» e muito falado na vila por passar o tempo a ler e a escrever, a sua memória guardou a imagem daquele jovem no quarto onde os recebera, a si e ao tio, sentado na cama com «uma mesinha diante de si, entre montões de livros».

Continuando nesta trajetória biográfica de Martins Sarmento conduzidos pela mão de Alberto Sampaio, chegamos a 1874, o ano que marca uma «nova era da sua existência espiritual» com a transformação do «poeta, literato e jornalista» em «arqueólogo e historiador». Nesse ano assistimos ao início das prospecções arqueológicas na Citânia de Briteiros, cujos estudos irão consagrar Sarmento como um dos pioneiros na moderna arqueologia em Portugal e, simultaneamente, promover o reconhecimento da sua obra no plano nacional e internacional. Três anos depois começam as escavações no castro de Sabroso, situado nas imediações da citânia.

Na década de setenta do século XIX, enquanto Martins Sarmento de picareta na mão escava em Briteiros, Alberto Sampaio procura incessantemente um rumo para a sua vida. Trabalha no Banco de Guimarães onde desempenha funções de guarda-livros; dedica-se à vitivinicultura na Quinta de Boamense, propriedade agrícola às

portas de Vila Nova de Famalicão que pertencia à sua família, pelo lado paterno, desde o final do século XVII; gere, juntamente com o seu irmão, o negócio da exportação de vinho verde para o Brasil e ainda dispõe de tempo para prestar, como já foi dito, colaboração na empresa literária *Leitura para Todos*, dirigida por Camilo.

Regressamos ao artigo da *Portugalia* para citarmos novamente o nosso articulista: «Um dia sem sabermos bem porquê, vemo-nos impelidos por uma corrente que determina o nosso percurso». Essa “corrente” de que nos fala, responsável por “arrastar” Sarmento para a arqueologia, será a mesma que o “arrastará” para a investigação histórica e o leva a desistir da carreira de advogado e do ofício de tradutor.

A circunstância do Solar da Ponte, a casa dos avós de Sarmento, se situar próxima da citânia e o fascínio, acentuado com o passar dos anos, pelos vestígios arqueológicos de Briteiros, foram determinantes, na nossa opinião, para despertar em Sarmento a curiosidade científica para «o problema das raças que nos tempos pré e proto-históricos habitaram as regiões ocidentais da Península».

Conhecedor das aptidões intelectuais de Sampaio, nomeadamente no domínio das línguas, Sarmento solicita-lhe a tradução de um artigo de John Latouche, “The Tourist in Portugal: The Lost City of Citania”, dado à estampa no número de Abril-Julho de 1876 da revista inglesa *New Quartely Magazine*. Na carta entregue por um portador e acompanhada pelo que diz ser o «volumeco inglês», informa que a tradução se destina a ser publicada no jornal de Guimarães *Religião e Pátria*, chamando ainda a atenção para algumas imprecisões encontradas no artigo, nomeadamente na parte que dizia respeito à reconstrução dos telhados das casas da citânia. Termina a carta ao seu jeito, directo e conciso: «Se não estiver para a maçada da tradução, diga-me também francamente» (Faria e Martins, 2008:366).

Não temos dúvidas de que estando os dois a viver em Guimarães, não só terão trocado impressões sobre o artigo, como Sampaio não deixou de submeter a tradução do texto à aprovação de Sarmento antes de sair impresso no jornal *Religião e Pátria*, sob a forma de folheto, nas edições de 2, 6, 9, 13 e 16 de Dezembro de 1876.

No primeiro dos cinco folhetins o editor fez questão de introduzir uma nota de agradecimento a Alberto Sampaio pela «magnífica tradução», onde se lê: «Só quem leu o original, onde o genuíno *humour* corre em veia caudalosa e os idiotismos dum terso classicismo – verdadeira *crux interpretum* – se cruzam e recruzam, é que pode avaliar que dificuldades vencidas apresenta este formoso trabalho».

Estamos em 1881, o ano da fundação da Sociedade Martins Sarmento, um ano de particular significado para o seu patrono e o grupo de amigos mais próximos. A homenagem ao investigador das nossas origens mais remotas, conta, desde a primeira hora, com o entusiasmo e a adesão dos irmãos Sampaio. Ouçamos o que a propósito da fundação da Sociedade escreveu Alberto Sampaio: «A Sociedade Martins Sarmento, que para os fundadores e gente de Guimarães representava o testemunho de veneração mais adequado a um homem de letras, para ele teve outra significação. Claramente, desde o princípio viu nela a continuadora da sua obra, e talvez por este motivo consentisse na denominação que lhe deram» (Sampaio, 1900:420).

Quem melhor do que José Sampaio, grande amigo de Martins Sarmento, para assumir a Presidência da Sociedade nos primeiros anos a seguir à fundação? Vale a pena trazer à colação as palavras de Santos Simões, ditas na sessão de homenagem a José Sampaio promovida por esta Sociedade no ano de 2000: «[...] na sua mente já germinava a ideia de dar o nome de Sarmento a esta associação, mas a prudência fê-lo reservado porque havia um escolho poderoso a meio do caminho: a aceitação de Martins Sarmento. No espírito de José Sampaio assomavam com igual peso duas ambições muito pessoais: criar em Guimarães novas condições socioculturais alimentadas desde a juventude pelas utopias da Sociedade do Raio: usar a profunda amizade que o ligava a Sarmento para obter deste a anuência para patrono da novel associação. Tudo foi possível porque reuniu à sua volta homens de diferente sensibilidade ideológica e também de diferente formação académica» (Simões, 2000:2).

Depois do primeiro mandato, entre 81 e 83, José Sampaio voltou a sentar-se na cadeira de Presidente de 85 a 87 e de 96 a 98, o que prova o reconhecimento pelo seu trabalho numa das mais prestigiadas instituições culturais do Norte do país.

Entre os projectos da Sociedade Martins Sarmento que contaram com a colaboração de Alberto Sampaio, a 1.<sup>a</sup> Exposição Industrial de Guimarães foi, inquestionavelmente, o de maior projecção pública e aquele que, certamente, mais o terá motivado, não tanto pela novidade de um certame desta natureza na sua terra, mas sim pelo enorme desafio de organizar uma exposição que, na sua opinião, se impunha como uma necessidade, quando considerada «o primeiro passo para o rejuvenescimento e aperfeiçoamento tanto das suas antigas indústrias como das que têm sido introduzidas nestes últimos quarenta anos» (Sampaio, 1884:33-34). A sua clarividência na análise que faz do país real e, em particular, do concelho de Guimarães, expressa no artigo da sua autoria “Resposta a uma pergunta: convirá promover uma exposição industrial em Guimarães?”, publicado em 1884 na *Revista de Guimarães*, continua ainda hoje a suscitar a mais viva impressão. Não resistimos, por isso, a incluir aqui um excerto dessa reflexão: «Não é independente uma nação ou um povo só porque certas circunstâncias lhe permitem uma soberania especial representada por um governo. Para ser na verdade independente é necessário que afirme a sua existência duma maneira própria, que se torne um organismo, em que a actividade de todos os seus elementos tem de convergir para a conservação e aperfeiçoamento da vida social desde a satisfação das primeiras necessidades até às mais elevadas concepções do espírito, isto é, até ao desenvolvimento das faculdades características da sua raça. Se viesse a perder a sua indústria, perdendo uma função das mais importantes, perderia também uma das principais expressões do seu génio e colocar-se-ia por esse facto moralmente, como estamos vendo, e economicamente, como veremos logo, numa posição inferior em respeito aos outros que continuam a possuir aquela faculdade criadora.» (Sampaio, 1884:26). E mais à frente “prescreve a receita” para o país passar a ser mais competitivo na sua indústria: «Fazer pensar é tudo; e a agitação a única alavanca que pode deslocar esse mundo: pois que agitar quer dizer – instruir, ensinar, convencer e acordar.» (Sampaio, 1884:29).

O sucesso local e regional da exposição catapultou Alberto Sampaio, a sua *alma-mater*, para a ribalta, coisa à qual, dada a sua natureza reservada e introspectiva, sempre se mostrou avesso! Pouco dado a

manifestações sociais, sabemos, através de um testemunho oral da sua sobrinha, o quanto podia até ser para si perturbador sentir-se alvo da atenção pública. Chegava mesmo ao limite de ficar «doente, trémulo e pálido» e de pedir ao irmão para falar em seu nome quando era surpreendido por grupos de pessoas que pretendiam manifestar o seu apreço a quem dirigira um empreendimento de tão grande alcance para Guimarães. Resultante desse reconhecimento, existe ainda hoje, no seu espólio, um alfinete de manta, oferecido a Alberto Sampaio pelo ourives Alberto Rocha, em cuja placa, na forma de cartão-de-visita, está gravado: «Homenagem ao Dr. Alberto 15-6-1884».

A exposição, enquanto esteve aberta ao público no Palacete de Vila Flor, de 15 de Junho até 26 de Julho, dominou os temas de conversa em Guimarães. O sucesso, medido pelos dez mil visitantes e pela quantia apurada na venda dos bilhetes de entrada e dos catálogos da exposição, traduziu-se também por uma bem orquestrada operação de marketing, até então nunca vista, do que se produzia no concelho. Tinha sido dado o primeiro passo para o rejuvenescimento e aperfeiçoamento da indústria vimaranense, de que nos falava Alberto Sampaio! Melhor do que ninguém, Sarmento sabe bem avaliar o alcance de uma iniciativa deste género. Di-lo por carta a José Sampaio, num único parágrafo: «Muitas lembranças a seu Mano, que deve estar satisfeito por ver o fim das suas enormes maçadas. Mas é ou não verdade que o mundo não é tão injusto, como o fazem? As ovações ao louvor da exposição foram gerais e sinceras. Portanto viva o mundo... minhoto!»

Surgem entretanto outros desafios para Alberto Sampaio ao ser convidado a integrar uma comissão formada por Martins Sarmento e por sócios da Sociedade para organizar o museu de arqueologia e numismática. Embora desconhecendo o trabalho desenvolvido por Sampaio, não nos restam dúvidas de que colocou todos os seus conhecimentos e entusiasmo na nova tarefa que lhe foi confiada. E é a propósito do museu, prestes a inaugurar em Fevereiro de 1885, que *O Comércio de Guimarães* propõe à Sociedade Martins Sarmento a aquisição do claustro da Mosteiro de S. Domingos, «essa preciosa relíquia que para aí vemos tristemente desprezada», para servir de instalação ao museu arqueológico.

O envolvimento na organização do Museu da Sociedade surtiu, certamente, efeito na maior atenção prestada pelos irmãos Sampaio aos vestígios arqueológicos que, porventura, pudessem encontrar em Famalicão, quer fosse a pedido de Sarmento, quer fosse por iniciativa própria. Tanto assim é que em 1888, José Sampaio, coadjuvado no trabalho de campo por Alberto Sampaio, sinalizou em Cabeçudos três marcos miliários num troço do itinerário de Antonino de ligação de Cale (Gaia) a Bracara Augusta. O advogado apressa-se então a comunicar ao arqueólogo o resultado das suas explorações: «Dos três marcos que conheço aí lhe mando uma nota do que neles vi.» – escreve José Sampaio – «A cópia que lhe mando decerto não é exacta, porque como eu não sei interpretar a inscrição decerto a copiei mal. Este inconveniente remedeia-se se o meu amigo quiser ter o incómodo de vir aqui. À vista do calhau, poderá tirar uma cópia exacta da inscrição.» (Faria, 1998:60-61). Sarmento rejubila de tal modo com a descoberta, que mesmo antes de observar *in loco* os ditos marcos, partilha a informação com Emílio Hubner. Numa carta de 2 de Agosto de 1888, informa-o: «Perto de Vila Nova de Famalicão dão-me notícia de mais um ou dois miliários, ainda desconhecidos do público. Conto ir examiná-lo, quando voltar a Guimarães.» (Cardozo, 1947:131).

O entusiasmo que reina na Casa de Boamense não é menor! Mal chegam a Cabeçudos as instruções de Sarmento os miliários voltam a ser observados, desta vez de forma mais minuciosa e, diríamos mesmo, mais científica. Não tendo um instrumento de medição das distâncias entre marcos para constarem do *sketch* que esboçou, José Sampaio opta pelo método de contagem do número de passos e a respectiva conversão em metros. Com este método garante, diz ele com humor, em carta enviada de Boamense, em Julho de 1884, a que «não há nenhum quilómetro de diferença»!

Como poderia Sarmento resistir muito tempo sem observar estas imponentes colunas de pedra do tempo da romanização na península ibérica? Acompanhado por José Sampaio, Alberto Sampaio e Leite de Castro, Sarmento organiza uma excursão ao concelho de Famalicão para ver a Igreja e a pedra leital na freguesia de Requião e os miliários de S. Tiago de Antas e de Cabeçudos. Nada do que foi visto e analisado nesse

dia, inteiramente devotado à arqueologia, ficou por registar no caderno de apontamentos do melhor dos guias de uma excursão do género!

Entramos na década de noventa com Alberto Sampaio a ser proclamado sócio honorário da Sociedade Martins Sarmento pelos «relevantes serviços» prestados. Na mesma proposta apresentada por Avelino da Silva Guimarães na sessão de 4 de Fevereiro de 1891, presidida por Mota Prego, constavam ainda os nomes do professor Bernardo Moreira de Sá e do Dr. Inácio Teixeira de Menezes. Um merecido e justo reconhecimento para quem tanto se tinha dedicado a construir os alicerces e a consolidar a imagem da Sociedade nos primeiros dez anos do seu funcionamento.

A relação intelectual de Alberto Sampaio com Martins Sarmento tornou-se particularmente intensa a partir do momento em que o etnólogo vimaranense iniciou as prospecções arqueológicas na Citânia. Uma questão interessante é saber até que ponto o interesse com que o arqueólogo se entregou à investigação do nosso passado pré-histórico não terá influenciado decisivamente o historiador no caminho que escolheu trilhar nas suas investigações históricas, também elas circunscritas ao mesmo período histórico da península ibérica. O reconhecimento e a admiração que sentem um pelo outro são mútuos. Luís de Magalhães, a quem se ficou a dever a publicação dos estudos de Alberto Sampaio, reunidos em dois volumes, com o título *Estudos Históricos e Económicos*, em 1923, afirma-o de forma concludente, no belíssimo prefácio que escreveu, onde a dado passo se lê: «Amigo íntimo de Sarmento, vivendo, como ele, em Guimarães, Alberto Sampaio seguiu de perto e com apaixonado interesse os seus trabalhos, que tantos subsídios elucidativos ofereciam às questões históricas em que o seu espírito andava empenhado. E, sobre a base das descobertas do ilustre arqueólogo na parte relativa à proto-história e à etnografia, traçou o seu primeiro livro, o magnífico estudo sobre *A Propriedade e a Cultura no Minho*, que, desde logo, o colocou na primeira linha dos nossos publicistas de economia rural» (Sampaio, 1923:XI). Nos estudos de Alberto Sampaio encontramos a cada passo referências aos trabalhos de Sarmento, tal como este o faz, por exemplo, ao dedicar a Sampaio o seu livro *Lusitanos, Lígures e Celtas*. Estamos por isso em crer que

esse convívio intenso que mantiveram em matéria de conhecimento científico, resulta não só da amizade que os unia, mas também da influência que o génio de Sarmento exerceu sobre Alberto Sampaio, oito anos mais novo.

No dia 9 de Agosto de 1899 a notícia da morte de Martins Sarmento corre célere em Guimarães e arredores. A dor e a profunda tristeza de Alberto Sampaio ao ver partir o amigo são imensas. Expressa-as em carta a Luís de Magalhães, seis dias depois da fatalidade: «Pelos jornais já deve ter sabido que estamos sem o Sarmento. Enterrámo-lo no sábado. Mais um amigo que vejo desaparecer. As saudades, que deixou a todos que o conheciam, são imensas: mas eu tenho mais razão que qualquer outro de sentir a sua morte, por ser uma das poucas pessoas, com quem eu convivia aqui. Não faz ideia como me entristece esta solidão, que todos os dias aumenta em volta de mim!» (Faria e Martins, 2009:295). Mais tarde recordará o último encontro, ocorrido meses antes, em Maio, quando lhe deu o «abraço de despedida na véspera de partir para Briteiros, onde foi convalescer da penúltima doença.» (Sampaio, 1900:417).

Passado pouco mais de um mês, Alberto Sampaio sofre um outro rude golpe ao ver desaparecer o seu único irmão José, companheiro de toda uma vida, por quem tinha o maior dos afectos. A solidão à sua volta adensa-se ainda mais. O abalo sofrido pelo irmão com a morte de Sarmento foi de tal forma violento que nunca mais conseguiu superar. «Meu irmão, há meses, andava muito doente – escreve Sampaio a Luís de Magalhães, o confidente de todas as horas – mas ia vivendo e viveria ainda, se não fosse a morte do Sarmento, que lhe causou um abalo tão profundo, contra o qual o seu organismo não pôde reagir. Sempre que se encontravam, falavam nas suas moléstias, e diziam que andavam ao desafio; quando lhe deram parte da morte do Sarmento, disse – “agora vou eu”. E o que é mais notável ainda é que os dois nos seus delírios falavam sempre um no outro.» (Faria e Martins, 2009:299).

Perante a maior das adversidades, a falta do irmão, em quem tanto se apoiava e com quem estabelecera a mais fraterna das amizades, Alberto Sampaio inicia o processo de se despedir de Guimarães, a terra que o vira nascer e onde assistira à morte da mãe e do irmão. Fá-lo no virar do século, em Março de 1900. O tinteiro que permanece em

cima da sua secretária na biblioteca da Casa de Boamense, ficaria para sempre associado a essa despedida. Em carta de 30 de Março de 1900 a Luís de Magalhães, já enviada de Boamense dirá: «Horas antes de sair, escrevi-lhe meia dúzia de linhas à pressa: não sei se pôde ler aqueles gatafunhos. Estava numa extrema sensibilidade; arrumava as últimas coisas do meu ninho de tantos anos: fechada a sua carta, empacotei o tinteiro: nesse momento a memória representava-me com uma luz fulgurante os castelos em ruína do meu passado: e que ilusões! Hoje vou melhor: caí numa tristeza calma, que por fim também há-de desaparecer.» (Faria e Martins, 2009:312).

## Bibliografia

- Cabral, Alexandre (recolha, pref., comentários) (1984), *Correspondência de Camilo Castelo Branco com os irmãos Barbosa e Silva*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Cabral, Alexandre (recolha, pref., comentários) (1985), *Correspondência de Camilo Castelo Branco com António Feliciano de Castilho*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Cardozo, Mário (coligida e anotada) (1947), *Correspondência Epistolar entre Emílio Hubner e Martins Sarmento*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.
- Faria, Emília Nóvoa (leitura, introd., notas) (1990), *Camilo em Landim*. Vila Nova de Famalicão: Centro de Estudos Camilianos.
- Faria, Emília Nóvoa (org., introd., notas) (1998), *Estudos Arqueológicos Entre Douro e Minho nos Finais do Século XIX: Correspondência entre Martins Sarmento, José Sampaio e Alberto Sampaio*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.
- Faria, Emília Nóvoa; Martins, António (org., introd., notas) (2008), *Cartas a Alberto Sampaio*. Porto: Campo das Letras.
- Faria, Emília Nóvoa; Martins, António (org., introd., notas) (2009), *Cartas de Alberto Sampaio*. Ribeirão: Húmus.
- Sampaio, Alberto (1884), “Resposta a uma pergunta: convirá promover uma exposição industrial em Guimarães?”, *Revista de Guimarães*, 1, 25-34.
- Sampaio, Alberto (1900), “Os Mortos: F. Martins Sarmento”, *Portugália*, I, 417-422.
- Simões, Santos (2000), “Centenário de José Sampaio. Sessão Solene de 9 de Março”, *Boletim da Sociedade Martins Sarmento*, 38, 1-5.